



TESTEMUNHO, SOFRIMENTO E SUBJETIVIDADE NOS ESCRITOS DE RENATO RUSSO

Testimony, suffering and subjectivity in the writings of Renato Russo

Testimonio, sufrimiento y subjetividad em los escritos de Renato Russo

Camila Calado Lima

Pesquisadora de Pós-Doutorado da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
c.calado.lima@gmail.com

Gustavo Fortes Said

Professor titular do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí
gsaid@uol.com.br

Thiago Meneses Alves

Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí
thiagomeneses85@gmail.com

Resumo

O artigo busca analisar os testemunhos de sofrimento de Renato Russo no livro *Só Por Hoje e Para Sempre – diário do recomeço*, escrito numa clínica de reabilitação para dependentes químicos. Numa cultura marcada pela busca de reconhecimento social de narrativas individuais e testemunhais de sofrimento, busca-se compreender os principais temas, sentimentos e figuras subjetivas mobilizados por Renato Russo nos relatos de si, bem como os diálogos e distanciamentos entre o olhar de artista sobre si e o olhar do outro sobre ele. Com base na análise de conteúdo categorial (BARDIN, 2010), os relatos de si foram agrupados nas seguintes categorias: a) testemunho e partilha da dor, b) testemunho de celebridade, c) testemunho, vítima e agressor e d) testemunho de superação. Argumenta-se que os relatos fornecem importantes pistas para pensar a subjetividade contemporânea.

Palavras-chave: Testemunho. Sofrimento. Subjetividade.

Abstract

This paper seeks to analyze the testimonies of suffering of Renato Russo in his book *Só por Hoje e Para Sempre – diário do recomeço*. It was written in a rehabilitation clinic for drug addicts. In a culture marked by the search for social recognition of individual narratives and testimonies of suffering, we seek to understand the main themes, feelings and subjective figures mobilized by Renato Russo in self reports, as well as the dialogues and distances between the artist's look at himself and the other's look at him. Based on categorical content analysis (BARDIN, 2010), the self reports were grouped into the following categories: a) testimony and sharing of pain, b) testimony of celebrity, c) testimony, victim and aggressor and d) testimony of overcoming. We argue that the texts provide important clues for understand contemporary subjectivity.



Key words: Testimony. Suffering. Subjectivity.

Resumen

El artículo busca analizar los testimonios de sufrimiento del Renato Russo en el libro *Só por Hoje e Para Sempre - diário do recomeço*, escrito en una clínica de rehabilitación para drogadictos en 1993 y publicado en 2015. En una cultura marcada por la búsqueda del reconocimiento social de las narrativas individuales y los testigos del sufrimiento, buscamos comprender los temas principales, los sentimientos y figuras subjetivas movilizadas por Renato Russo en los relatos de sí mismo, así como los diálogos y distancias entre la mirada del artista sobre sí mismo y la mirada del otro hacia él. Con base en el análisis de contenido categórico (BARDIN, 2010), los relatos de sí mismo se agruparon en las siguientes categorías: a) testimonio y compartir el dolor, b) testimonio de celebridades, c) testimonio, víctima y agresor y d) testimonio de superación. Argumentamos que los relatos proporcionan pistas importantes para pensar en la subjetividad contemporánea.

Palabras clave: Testimonio. Sufrimiento. Subjetividad.

1 INTRODUÇÃO

Apesar do encolhimento do mercado de livros no país (SOUSA, 2019), o grande volume da oferta de biografias não é apenas uma coincidência que revela como grandes fatos da história podem se coadunar aos pequenos testemunhos e aos relatos de vida, provocando o interesse do leitor pelas experiências protagonizadas por figuras públicas e anônimas. Diversos autores destacam que, além das narrativas testemunhais ligadas aos grandes fatos da história social, percebe-se hoje uma valorização dos pequenos testemunhos, das experiências particulares e pessoais de dor e sofrimento (SACRAMENTO, 2018; VAZ, 2014; VAZ; SANTOS; ANDRADE, 2014; LERNER; VAZ, 2017).

A presença marcante dos relatos autobiográficos na cultura midiática faz parte de um processo histórico, ampliado na modernidade, relativo à progressiva ênfase no indivíduo no atual modelo de sociedade, voltado à valorização do homem em relação à vida social. Cada vez mais as pessoas se sentem à vontade para – e até anseiam por – narrar suas vidas, compartilhar histórias, valorizar feitos e expor sofrimentos pessoais, ao mesmo tempo em que se observa um fascínio geral pelos testemunhos, algo expresso nas biografias, no jornalismo, nos *talk shows*, nas redes sociais, nos movimentos sociais, bem como nas cartas e nos diários pessoais que se transformam em produtos de mercado.

Dois fatores principais fazem com que as biografias configurem interessantes objetos de análise na comunicação social contemporânea. No âmbito jornalístico, de um lado, as

biografias fornecem a possibilidade de praticar um jornalismo de teor interpretativo, mais aprofundado, e com grande visibilidade. De outro, as biografias de grandes celebridades são acontecimentos jornalísticos de grande envergadura por si só. A circulação deste tipo de material configura “fato digno de registro na forma de notícia em qualquer um dos seus estilos” (FONSECA; VIEIRA, 2011, p. 101). Ademais, a ampla presença de testemunhos na cena pública configura interessante tema para pensarmos os processos de subjetivação e mudanças socioculturais contemporâneos, em linha com Radstone (2006), Vaz, Santos e Andrade (2014) e Sacramento (2018).

No caso específico dos diários do Renato Russo *Só Por Hoje e Para Sempre – diário do recomeço*, o artista exerce as funções de biografado e de biógrafo: testemunha, sistematiza e quase sempre contextualiza o relato não-ficcional, utilizando artifícios como a descrição aprofundada de lugares, pessoas e situações. A narrativa, em que o autor expõe de modo direto os dramas que foram a tônica da sua curta trajetória, sai do prontuário médico e é publicizada num ecossistema midiático.

Anderson (2001) destaca que a autobiografia é uma narrativa testemunhal que importa para os outros. Ao escrever sobre si, o autor é a testemunha principal que usa a narrativa como elemento central para constituir uma história mais ampla, de interesse público, cujo ponto de partida é a singularidade da sua existência. O relato das experiências subjetivas possui uma dimensão retrospectiva ligada a acontecimentos do passado. Ao acionar mecanismos da memória individual e coletiva, ressaltam a presença do personagem nos acontecimentos narrados, podendo ter ainda conotação terapêutica. Isto porque a partilha dos sentimentos vivenciados e o desejo de torná-los significativos para a sociedade pode contribuir para expurgar a dor do autor na recuperação de certas lembranças, para denunciar agressores e ainda para pedir reparação.

Neste cenário, o artigo objetiva analisar os testemunhos de sofrimento do cantor Renato Russo (RR) no livro *Só Por Hoje e Para Sempre – diário do recomeço*, buscando compreender os principais temas, sentimentos e figuras subjetivas mobilizados, bem como os diálogos e distanciamentos entre o olhar de RR sobre si e o olhar do outro sobre ele. O material de análise consiste nos escritos autobiográficos produzidos em 1993, durante o período de reabilitação na clínica Vila Serena, no Rio de Janeiro, e publicados em 2015. Diante de uma gama insondável de elementos que compõem sua vida privada e pública, RR seleciona acontecimentos, experiências e sentimentos que devem figurar nesse relato. Quais

são esses elementos e por que se tornam tão significativos para o autor nos processos de subjetivação configurados pela escrita e pelos relatos de si?

Num contexto marcado pela busca de reconhecimento social de narrativas individuais e testemunhais, é possível perceber que os textos de RR explicitam propósitos terapêuticos ligados à sua internação e produzem articulações entre processos de subjetivação, de forma geral, e, mais especificamente, relatos autobiográficos. Pensado nestes termos, o objeto de estudo desse artigo se pauta, em primeiro lugar, numa discussão teórica sobre mídia, testemunho e narrativas autobiográficas de sofrimento. A seguir, com base na análise de conteúdo temática ou categorial, na acepção de Bardin (2010), fez-se uma leitura flutuante dos textos para definir e descrever os principais temas ou categorias utilizadas pelo autor para produzir relatos de si, a saber: a) testemunho e partilha da dor, b) testemunho de celebridade, c) testemunho, vítima e agressor e d) testemunho de superação.

Parte-se do argumento de que estes relatos fornecem importantes pistas para pensar os processos de subjetivação na cultura contemporânea com o privilégio do testemunho como discurso autobiográfico, o relato de si como ato terapêutico, a identificação positiva com a figura da vítima, a busca por reconhecimento social do sofrimento e da condição médica e a distância do olhar preconceituoso/moralizante que limita modos de ser. A imersão na clínica e a produção dos testemunhos conduz à reinterpretação de acontecimentos do passado de RR, apresentando “o homem por trás do mito”, como define o filho de RR no prefácio do livro. O autor convida o leitor para uma reflexão que ultrapassa os feitos e os dramas vivenciados e que, agora, compartilhados pela leitura, adquirem importância social.

2 TESTEMUNHO, MÍDIA E SOFRIMENTO

O testemunho de mídia, termo cunhado para descrever a forte presença testemunhal na produção atual dos meios de comunicação, ocorre de três maneiras principais: a) no aparecimento de testemunhas no material midiático; b) no papel ocasionalmente exercido pela própria mídia enquanto testemunha; c) na forma como o público reage ao material produzido pela mídia quando aquele é testemunha dos fatos representados pelos meios de comunicação (FROSH, PINCHEVSKI, 2009). No jornalismo, as origens do testemunho de mídia datam de meados do século XIX e estão ligadas às coberturas de guerra, em que a confiabilidade dos relatos derivava da presença do jornalista no local do fato.

Diversos autores, a exemplo de Wiewiorka (1998), Radstone (2006), Fassin, Rechtman (2009) e Lerner (2013), destacam a eclosão do testemunho associada inicialmente à narração

de eventos tidos como traumáticos, como a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, que excederiam a capacidade de uma fácil assimilação e culminariam num movimento de relatar eventos de significativo sofrimento, na busca de compreensão (e reparação) tanto daquele que narra, quanto daquele que é interpelado pelo texto. De modo evidente, Wieviorka (1998) classifica o século XX como a *era da testemunha*. Desde então, vários pesquisadores brasileiros vêm refletindo sobre testemunhos em nossa cultura a partir de outras experiências de sofrimento e/ou (compreendidas como) traumáticas, como bullying (VAZ, 2014), assédio sexual (VAZ; SANTOS; ANDRADE, 2014) e câncer (LERNER; VAZ, 2017).

Sacramento (2018) destaca que apesar da proeminência do testemunho na mídia contemporânea ser muitas vezes associada às tecnologias de mídia que ampliam e favorecem exposições e narrativas de si, está também relacionada à produção da subjetividade e da política contemporânea. O testemunho tem aparecido correntemente na mídia associado a narrativas de sofrimento, de denúncia e de ação política; e a expansão da função política do testemunho aparece intimamente relacionada à ampliação da noção de trauma e evento extraordinário em nossa cultura.

A noção de trauma, ressaltam Fassin e Rechtman (2009, p. 87, traduções nossa), vem se tornando um lugar-comum, uma verdade compartilhada, na cultura contemporânea, evocada para referir-se àqueles expostos direta ou indiretamente aos eventos (ex: aquele que teve uma experiência de violência ou aquele exposto a imagens de violência no telejornalismo ou redes sociais). Argumentam uma mudança na noção de trauma: o evento se torna a causa da patologia, e não o indivíduo e sua predisposição. E ressaltam: “uma resposta normal a um evento anormal”. O trauma aparece como “um encontro infeliz de uma pessoa comum com um evento extraordinário”. Três aspectos a destacar: (1) o sofrimento associado à experiência, (2) amplia-se nesta cultura o entendimento/classificação do que seria um evento extraordinário e (3) qualquer pessoa pode ser acometida. Tendo em mente esta concepção ampliada, os testemunhos expressariam um sofrimento real e estaria em jogo o reconhecimento social do sofrimento. Ademais, os relatos autobiográficos estariam comumente associados à experiência traumática. A partir do evento extraordinário, refletiriam sobre si no antes, durante e depois.

O testemunho, enquanto narrativa autobiográfica que alcança o espaço público, é endereçado ao indivíduo qualquer. A narração sobre si ocorre na relação dialógica e a presença do outro – ainda que, por vezes, não materializada de modo imediato – é fundamental. Primeiro, pôr em palavras o sofrimento experienciado teria uma dimensão

terapêutica para aquele que narra. Segundo, como destaca Lerner (2013), a narração de eventos autobiográficos envolve um olhar retrospectivo, o que implica no acionamento da memória, atividade mnemônica que é feita a partir de uma experiência coletiva. As lembranças são recuperadas a partir do ponto de vista de um grupo, narradas a partir de um grupo e para um grupo. Terceiro, há uma relação intrínseca entre o eu narrador e o outro num projeto compartilhado de reconstituir o que escapa ao sujeito, afinal, o testemunho não esgota os eventos narrados. O testemunho tem uma relação com eventos que referendam a verdade daquilo que é testemunhado, sem, entretanto, a possibilidade de esgotá-los. Há uma espécie de sobra que pode ser apreendida pelo leitor, que não foi dita explicitamente pelo narrador e, talvez, nem tenha sido ainda compreendida por ele efetivamente.

O relato testemunhal pode ter ainda dimensão de desafio, sendo endereçado ao indivíduo que causa o sofrimento, ou por ser agente principal ou por não compreender o sofrimento narrado. Neste sentido, pode visar o reconhecimento social do seu sofrimento, do seu lugar de vítima e ainda a reparação. Em linha com Vaz, Santos e Andrade (2014), pode-se supor que parte das dificuldades de narração residiria nas formas de silenciamentos praticadas pelo causador do sofrimento ou pela sociedade, quando esta realiza um julgamento moral.

O critério de verdade estaria no custo psíquico de ir a público narrar a sua experiência, na exibição do sofrimento e na sinceridade. Radstone (2006) destaca as dificuldades de transformar eventos de significativo sofrimento ou traumáticos em experiência passível/possível de ser comunicada. Um evento passado não comunicado, seguindo Pollach (1985, p. 11), “é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação.” O silêncio em torno de uma situação limite da experiência humana pode representar também uma recusa de uma “memória enquadrada”. Entra em questão aqui o reconhecimento social do sofrimento e as condições que possibilitam/autorizam a comunicação.

Postos a valorização do sofrimento e o alargamento da noção de trauma e do evento extraordinário em nossa cultura, convém refletir sobre a figura da vítima. Isto porque, em se tratando de experiência, seguindo Vaz, Santos e Andrade (2014), muitas narrativas testemunhais acionam a figura subjetiva da vítima para referir-se à ação de um outro, narrando algo que sofreu, que aconteceu consigo ou que se experienciou. Novik (2000) ressalta que, na cultura contemporânea, vítima passou de um status evitado e até desprezado para uma condição acolhida socialmente. Argumenta uma ascensão do anti-herói vulnerável e

loquaz, cujo sofrimento pode ser exposto. No lugar de sofrer silenciosamente, comunicar – ato compreendido como fortalecedor e terapêutico.

Vaz (2014) evidencia a emergência das narrativas autobiográficas de sofrimento, inclusive de celebridades, em nossa cultura, marcando que tais narrativas participam de um novo modo de produção de subjetividade. Dialogando com Foucault (1995) e suas reflexões sobre produção de subjetividade na modernidade, argumenta que haveria agora uma identificação positiva com figuras midiáticas que asseguram a possibilidade de mais prazer e felicidade, como as celebridades, e uma identificação negativa com o preconceituoso, aquele que limita o prazer. Na distância do preconceituoso, tem-se o reforço do direito à felicidade e a produção do bom consumidor.

Nos testemunhos, as celebridades descrevem o que lhes foi feito ou o que experimentaram, marcando uma separação e classificação hierárquica entre vítimas e agressores. Na descrição dos sofrimentos, há marcas de superação da experiência traumática, incitação ao prazer, confronto com os agressores/preconceituosos/inimigos, coragem e desafio. Tais dimensões podem ser especialmente percebidas em declarações de sexualidade que superam o padrão da heteronormatividade, por exemplo. A questão evidente aqui não é a inquietação do indivíduo com o próprio desejo, mas reduzir o temor sobre o olhar do outro ao conhecer o seu desejo. A exposição valoriza a imagem da celebridade, pois aparece vinculada ao discurso de evitar que outros sofram situações semelhantes, marcando enfaticamente a distância do preconceituoso (VAZ, 2014), e/ou contribuir para que outras vítimas compartilhem seus sofrimentos (VAZ; SANTOS; ANDRADE, 2014).

É no interior de uma cultura de valorização do sofrimento, alargamento da concepção de evento trágico, da vítima como figura subjetiva importante e acolhida socialmente e do preconceituoso como figura de identificação negativa, que podemos compreender – e analisar – a publicação dos escritos de Renato Russo 22 anos depois da sua elaboração.

3 OS TESTEMUNHOS DE RENATO RUSSO

Só por hoje e para sempre - diário do recomeço é o primeiro livro autobiográfico de Renato Russo (RR). Lançado em 2015, figurou na lista dos mais vendidos do ano durante várias semanas (CARVALHO, 2016). O material contempla os relatos de RR, redigidos durante sua internação numa clínica de recuperação para dependentes químicos no Rio de Janeiro. De modo imediato, o relato tem a dimensão terapêutica da exigência do tratamento, uma vez que segue o programa dos Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos.

No prefácio *O homem por trás do mito*, o filho Giuliano Manfredini reitera o título, abordando que o público poderá se aproximar de um RR mais “detalhista, sentimental e generoso” (p.6). Destaca o interesse do cantor pela publicização dos escritos: “nos próximos cinquenta anos, Giuliano, as pessoas poderão saber o que eu sinto e penso hoje”, “desde sempre quis dividir com fãs e admiradores” (p.5). E alude à atualidade do material, afirmando que uma das marcas do pai era o diálogo com o futuro. O evento extraordinário (FASSIN, RETCHAM, 2009) que motiva a exposição do sofrimento é a internação numa clínica, o reconhecimento da dependência química e os motivos que conduziram a situações extremas de encontro – real e simbólico – com a morte.

O material empírico da pesquisa foi tratado a partir da Análise de Conteúdo (AC). A adoção da AC como instrumento de recolha e interpretação dos dados, de modo mais geral, justifica-se pela sua versatilidade. Neste sentido, a AC configura, em primeiro lugar, um potente instrumento no que diz respeito à multiplicidade de *corpus* passíveis de análise a partir dessa perspectiva, uma infinidade de – “(...) ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2010, p. 9).

Além disso, a AC permite que o analista extravase o senso comum das interpretações mais apressadas acerca de enunciados complexos, como o que é tratado neste artigo, uma vez que dilata “(...) a observação de um intervalo de tempo entre o estímulo mensagem e a reação interpretativa” (BARDIN, 2010, p. 10). Neste sentido, a adoção da AC possibilitou uma leitura não apenas detalhada, mas também amparada em pressupostos científicos, das várias nuances discursivas dos testemunhos de RR contidas nos seus diários.

Os testemunhos de RR foram escrutinados em três etapas a partir da AC. Na primeira delas, a pré-análise, buscou-se, na esteira do que é sugerido por Bardin (2010, p. 95), definir os documentos de pesquisa (os diários de RR na íntegra), delimitar os objetivos e hipóteses (ligados à problemática da mídia, testemunho e subjetividade) e formular um conjunto de indicadores para a análise propriamente dita (unidades de registro e categorias temáticas).

O caminho percorrido na pré-análise consistiu, num primeiro momento, na leitura flutuante dos diários de RR, etapa em que se buscou “(...) estabelecer contato com os documentos a analisar e [...] conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2010, p. 96). Após esta fase de teor mais exploratório, prosseguiu-se à montagem do *corpus* a partir de algumas regras delimitadas no âmbito da AC. Estas foram: a regra da exaustividade (inclusão de todos os elementos discursivos nos diários que fizessem menção explícita ou latente à problemática delimitada); a regra da homogeneidade

(comprovação de que os documentos que formam o *corpus* possuem suficientes elementos comuns¹).

Na segunda fase, referente à exploração do material, foi conduzido um trabalho de codificação, que consistiu na transformação dos dados brutos em unidades de interpretação do conteúdo selecionado. Neste processo, buscou-se trabalhar enquanto unidade de registro² privilegiada o tema³. Mais especificamente, buscou-se verificar a presença e, posteriormente, mensurar a frequência com que testemunhos de RR traziam a problemáticas relativas ao sofrimento e subjetividade contemporânea.

Posteriormente, procedeu-se à formulação das categorias propriamente ditas. Tal processo foi estruturado, numa primeira etapa, a partir da seleção de todos os fragmentos (os temas, nos termos de Bardin) que traziam de alguma maneira a problemática trabalhada. Posteriormente, os fragmentos foram organizados nas seguintes categorias: (1) testemunho e partilha da dor, (2) testemunho de celebridade, (3) testemunho, vítima e agressor e (4) testemunho de superação. Na última fase, (tratamento dos resultados e interpretação), foram feitas as inferências sobre as categorias temáticas delimitadas, conforme pode ser visualizado mais detalhadamente nas próximas seções.

3.1 Testemunho e partilha da dor

São inúmeras as passagens no livro sobre o sofrimento vivenciado por RR, não apenas com a toxicod dependência, mas em várias dimensões da vida, que poderiam ou não estar associadas ao vício. O testemunho do sofrimento está associado às experiências vividas, relatadas a partir de seu olhar do momento presente de internamento na clínica. Dialogando com Lerner (2013), seu olhar retrospectivo sobre o passado deriva da sua experiência coletiva, da sua relação com vários outros, agora incluindo também o olhar da clínica enquanto instância de poder que exige o olhar pra si e a narrativa de si.

Os relatos são marcados por arrependimento, vergonha (olhar externo), culpa (olhar interno) e autorresponsabilização. A narração de show cancelado e performances mal

¹ Algumas das características que corroboram a regra da homogeneidade deste *corpus* estão ligadas com o fato de que todo o material recolhido procede de um mesmo documento (o diário escrito na clínica de reabilitação), produzido num período circunscrito (1993) e com um objetivo claro (o processo terapêutico dos doze passos).

² Unidade de significação que serve de referência para organizar a categorização e mensurar a frequência do conteúdo analisado (BARDIN, 2010).

³ Essencialmente, diz respeito a uma afirmação, que pode ser explícita ou latente, sobre um determinado assunto. Consiste em uma unidade de significação com alto grau de complexidade, cujo comprimento é variável e menos facilmente determinável, diferente de outras unidades de registro como a palavra, frase ou parágrafo, por exemplo.

executadas pelo consumo de álcool e outras drogas é seguida de trechos que mesclam o olhar de si e do outro sobre si.

[...] eu desafinei o tempo todo (logo eu, eleito o melhor cantor de rock pela revista Bizz e JB por seis anos seguidos). Se estivesse sóbrio, teria controle sobre a situação [...] (p. 21).

Muito chateado e frustrado. Me senti um perfeito idiota e prometi q.[sic] isso nunca mais iria acontecer. Me senti MUITO MAL [sic] depois, emocionalmente (p.22).

Me sinto horrível, culpado e, novamente, um perfeito idiota com tudo isso. Legal, né?! (p. 24).

QUE autorrespeito? Minha vida girava em torno da minha dependência, muita culpa e preocupação. Me senti culpado e envergonhado a maioria das vezes (p. 28-29).

Explica que “legal, né?” é um comentário irônico, que serve para “relembrar todo este pesadelo” (p. 29) Seria uma forma de interpelar o leitor e criar, na narrativa, um efeito de intimidade entre ambos ou apenas uma tentativa de autopunição, como se se colocasse no lugar de um outro falando maldosa e criticamente das suas atitudes? Ao tratar da dor que o consome, admite posturas que atrapalham a construção da sua imagem perante o público e a mídia, contribuindo para a fama de “difícil”.

Em uma das atividades em Vila Serena, os pacientes deveriam relatar experiências de sofrimento que tivessem gerado medo, raiva, inadequação, desprezo, inferioridade, ressentimento, solidão, entre outras. Vários relatos expressam, de modos variados, o medo superdimensionado que assombrava RR (das turnês, dos relacionamentos afetivos, da toxicodpendência, da gestão do dinheiro, da possibilidade de perda de entes queridos, dos rumos que o país e a humanidade poderiam tomar). A ocasião em que o artista sentiu mais medo envolveu a saúde do filho e o consumo de heroína. Enquanto RR tinha uma crise de taquicardia pelo uso da droga, o filho quase morria no hospital (p. 52).

Refletindo sobre relação com família e amigos, revela que foi considerado o responsável pelo enfarte de seu pai e mal se relacionava com os familiares, apesar de ter uma “família muito unida, amiga e saudável” (p. 25). Por ser extremamente tímido, conta que o álcool sempre foi a solução encontrada para descontraír e até para suportar situações. Mas, depois da sexta dose, agredia: “sou extremamente venenoso quando, embriagado, me dizem que fico (sic) ‘com olhos de um demônio’” (p. 26). Narra problemas sérios com os vizinhos e com amigos, muitos se afastavam quando ele entrava em crise e muitos aproveitavam “para

fazer festa” (p. 26). Destaca que precisava se afastar das más companhias e que, inclusive, trocara o número do seu telefone.

Perto da data da internação, chegou ao ponto de não ter relações com ninguém (“até hoje me sinto muito mal e sinto ter desperdiçado minha vida” (p. 26). Tentava administrar sua solidão com drogas e trabalho, mas nem as drogas estavam mais fazendo efeito: “estava muito só e à beira do desespero [...] afugentava [a solidão] com drogas e álcool, o que dava menos resultado a cada dia [...] Tinha chegado ao meu fundo do poço e preferia morrer a enfrentar novamente a incerteza e a solidão” (p. 60-61).

3.2 Testemunho de celebridade

A análise dos relatos revela uma existência vivenciada no limite, a partir de uma busca incessante por mais prazer. Em diversos momentos do livro, isto aparece vinculado ao *ethos* do artista, aproximando-se das reflexões de Vaz (2014) sobre subjetividade contemporânea e identificação positiva com figuras que oferecem maiores possibilidades de prazer e reforçam o direito individual de ser mais feliz. No caso de RR, tal dimensão seria ainda ampliada por se tratar de um artista de rock.

eu bebi mais (é claro) e achei, com arrogância, que isso era um comportamento tipicamente rock ‘n’ roll (p.21)

o público em geral parece exigir um comportamento dionisíaco de um artista e a reação nas apresentações ao vivo (principalmente quando danço ou finjo desmaios ou – pasmem – simulo masturbação no palco) é sempre a mesma: ‘esse cara deve ser muito louco, meu’ (p.24).

A busca incessante por prazer aparece, em inúmeros trechos, associada à insuportabilidade do sofrimento, da vida, o que culminava invariavelmente na busca por mais prazer. RR expõe casos relativos ao uso de drogas e calmantes como forma de escapismo, que desmitificam a vida glamourizada, e, por outro lado, conferem um ar de rebeldia e incompreensão muito apropriado à encenação na qual se enredam os ídolos do rock.

No livro, aparece também a ambiguidade em torno do *ethos* do artista e o não reconhecimento social do seu sofrimento. Para o público e a mídia, pareciam importar mais uma excelente produção musical e as performances nos shows.

Me sinto envergonhado e confuso por tudo isso e muitas vezes me questionei, por me sentir culpado de não estar sendo um bom exemplo pra juventude. O que eles parecem querer, no entanto, é um ‘mau exemplo’ – um

bêbado drogado que por acaso consegue ter a sensibilidade para fazer música que vai direto ao coração de cada um (p. 25).

Além do consumo de drogas, a busca incessante por prazer aparecia também nas práticas sexuais. Numa referência a Proust e Pasolini, RR expõe a ambiguidade das manifestações do desejo sexual. Do comedimento, da timidez, ele passa para o atrevimento, o limite, o exagero: “[...] chegando, em tempos recentes, até a “brincar” com sadomasoquismo e role-playing. De bicha proustiana passei a bicha pasoliniana (*à la Salò ou os 120 dias de Sodoma*)” (p. 28). Reflete que tais práticas sexuais intensas não lhe ajudavam em nada, vinham acompanhadas de “crises profundas de solidão, autopiedade” e, no momento presente, avaliava que nunca teve alguém, que não se respeitava e buscava relacionamentos de dependência. Conta que teve um único (e sublinha!) relacionamento que durou mais de seis meses.

3.3 Testemunho, vítima e agressor

Nos testemunhos de sofrimento na contemporaneidade, observa-se a construção de duas figuras subjetivas: a vítima e o agressor (VAZ, 2014). O agressor seria aquele associado direta ou indiretamente ao sofrimento testemunhado pela vítima, através de atos concretos (ex: estupro, violência física) ou simbólicos (ex: negação do sofrimento). A análise do testemunho de RR revela tanto a autorresponsabilização pelo sofrimento, quanto a identificação de agressores que contribuíram para sua condição.

a) Mídia

RR relata as dores da vida de celebridade, sempre exposta e narrada, e a lida constante com escândalos e boatos, dotados de julgamentos morais, em torno de seu comportamento. O jogo entre autoimagem e imagem midiática acentua o sentimento de autopiedade. Quer no tocante à sexualidade, ao vício, quer no tocante à sua obra, o autor percebe uma instância externa que o rebaixa, o marginaliza e exagera.

De dois meses pra cá, qdo. [sic] cheguei ao ‘fundo do poço’, a imprensa começou a acompanhar meu caso com interesse mórbido e sensacionalista próprio dos meios de comunicação de massa, e me dói muito ver meu rosto, nome e vida estampados nos jornais, junto com toda ~~vergonha~~ [sic] e insanidade de meus atos (p. 25).

devido à minha personalidade e minha posição, as pessoas exageram seus relatos [...] quando estava sóbrio e lúcido e ouvia o disse me disse sobre o que EU [sic] tinha dito, feito etc.*** [sic] E nada era verdade (p.28).

Conta que a imprensa divulgara sua morte “umas duas ou três vezes”, e teve que avisar aos familiares “que continuava vivo” (p. 24). Reconhece que o comportamento de extremos é “ótimo em nível de trabalho (publicidade gratuita), mas péssimo qto. [sic] à família, amigos e pessoas sensatas” (p. 24).

A eclosão dos escândalos na mídia viria acompanhada, em seu entender, de um comentário típico que ressaltava seu talento, sua inteligência e, simultaneamente, sua autodestruição, em tom condenatório. “Todos parecem saber que tenho problemas, mas a atitude em relação ao artista parece ser: ele/ela é assim mesmo, é o preço da fama [...]” (p. 25). Neste, e em vários outros excertos, é notável a busca por reconhecimento social do sofrimento. A publicização da dor parece ter também o objetivo de fortalecer a sua condição de dependente químico e de sujeito mal compreendido, amplamente avaliado, classificado e julgado negativamente, sem reconhecimento da sua condição médica.

A leitura dos jornais repletos de notícias ruins realimentava o vício, numa linha argumentativa de que a sociedade faria o indivíduo sofrer.

Uma coisa sei: por vezes a leitura de jornais me servia como desculpa para minha dependência. Exemplo: “Este mundo está um horror inominável mesmo, então posso muito bem fugir e me entorpecer” (p. 27).

O Jornal Nacional (ou algo) me deixou MUITO [sic] deprimido e fui dormir cedo MESMO [sic] (p.33).

Voltei ao apartamento para ler sobre as desgraças do mundo, alimentando assim o meu ressentimento. Dependendo da notícia (e algumas até me deixavam de bom humor), sentia raiva, medo apreensão, confusão, ficava ofendido, magoado triste e sempre ressentido com o mundo, comigo mesmo [...] (p. 62).

b) Olhar moralizante do outro

O testemunho como desafio ao agressor aparece também associado ao olhar moralizante do outro que limita e valora modos de ser e agir de RR. O perfil questionador da cultura aparecia não apenas no comportamento, mas na produção musical.

Me acham louco, é claro. Não só por causa de meu não conformismo (sou considerado polêmico por ter assumido meu homoerotismo publicamente em entrevistas e em shows), mas até por referências à minha dependência

química (e dependência química em geral) em algumas de nossas canções (p. 24).

Extremamente emblemático nesta discussão sobre o olhar moralizante é a declaração de que na Vila Serena podia ser “exatamente como sou (e tento ser lá fora)” (p. 31).

Se o jornal lhe provocava sofrimento pelas narrativas de incertezas e dramas sociais, parecendo justificar sua “depressão e pessimismo” (p. 79), a violência praticada concretamente sobre ele também o faria. Ao ser estimulado a expor situações em que sentira inferioridade, relata dois casos em uma mesma noite, quando se sentiu “o pior dos mortais” (p. 59). Após assistir ao show da banda Emerson, Lake & Palmer, tentou entrar no camarim para conhecer os músicos, mas foi esnobado pela produção. Conta que se sentiu ofendido com o tratamento (julgava ter *status* VIP no *Canecão*) e, ao tentar forçar a entrada, os seguranças “se jogaram sobre mim e, já caído no chão, fui espancado e arrastado à área de estacionamento, onde fui agredido verbalmente também” (p.59). Após o ocorrido, foi escoltado por dois policiais para fora do *Canecão*. Destaca que não estava muito bêbado e nem drogado. De lá, seguiu para a boate *Le Boy*, onde foi barrado por estar supostamente alcoolizado. Ressalta a violência crescente do Rio, que não agiu de forma extrema e que, se fosse outra pessoa, estaria provavelmente morta. Assim descreveu o sentimento: “o meu complexo de inferioridade voltou e jurei nunca mais pisar no *Canecão*” e nem na *Le Boy* “por uma questão de segurança pessoal” (p. 59).

Instigado a descrever sobre o sentimento de *inadequação*, relata episódio em que fora com amigos numa festa na casa da atriz Regina Casé. Achando que se tratava de uma reunião informal, foram surpreendidos por um jantar “formalíssimo e SÓ GENTE FAMOSA [sic]” – curioso o destaque que confere aos famosos, afinal se tratava de um dos maiores artistas nacionais. “Meus amigos foram esnobados NA HORA [sic]; entrei em pânico e comecei a beber. Caetano e Ney ADORARAM aquilo [...] Depois, o Hermano [Vianna] [...] vieram me dizer q. essa turma às vezes ‘escolhe’ alguém para fazer papel de bobo” (p. 56). E tentava consolá-lo com comentários do tipo “O Cazuza era bem pior” (p. 56-57). Sentiu-se duplamente inadequado: perante os famosos e os amigos. Em certos momentos, identifica também a baixa autoestima como causa de seu sofrimento e expõe o resgate dela como uma das metas no tratamento (p. 79, p. 135).

c) Relações afetivas

A posição de vítima também é assumida em relação aos relacionamentos afetivos e amorosos. A dificuldade de relação com os outros aparece como fonte frequente de dor. RR destaca sua dependência emocional:

[...] minha dependência de pessoas sempre foi intermitente e partindo de mim, sendo que muitas vezes eu não dependia da opinião ou sentimentos de uma só pessoa específica, mas sim da opinião e sentimentos dos meus amigos, da minha família, dos meus vizinhos, do meu público até, do staff da minha companhia, da opinião pública. E [...] sempre havia mais era dor emocional, solidão, ressentimento e extrema autopiedade, além, é claro, do prejuízo a meu estado de saúde, e isso a longo prazo (p. 73).

RR relatou experiência mais profunda de autopiedade quando teve que se distanciar do então companheiro, Robert Scott, seu relacionamento afetivo mais duradouro.

[...] me senti o mais romântico dos mortais, lembrando tudo e sentindo muito sua falta; uma autopiedade intensa além de saudade e tristeza naturais em tal circunstância. Fiquei semanas bebendo, escrevendo cartas de amor e ouvindo músicas tristes, e depois entrei fundo na heroína, me sentindo *o mais triste e injustiçado dos humanos* (p. 56, grifo nosso).

O desaparecimento de Scott e a não menos dramática localização dele numa prisão nos Estados Unidos aumentaram este sentimento. Após uma frustração amorosa com Scott, ele se retraía, não socializava, não se divertia nos camarins e hotéis, não falava com a imprensa, nem dava autógrafos: “Isso me prejudicou profissionalmente. [...] poderia ter aproveitado a situação para sedimentar nosso sucesso, o que não fiz, dando espaço para a minha reputação de difícil, mal resolvido e problemático (o que me causaria prejuízos bem maiores no futuro próximo)” (p. 71).

Afirma ter pena de si, por se sentir muito infeliz no amor, aludindo mais uma vez a uma situação em que pareceu ter sido manipulado por alguém (agressor sentimental), neste caso, um vendedor de roupas com o qual gostaria de ter tido um caso amoroso. O sentimento de inferioridade e dependência emocional aparece também quando RR narra que se sentiu manipulado por um amigo ao comprar vários discos de que não gostava – como se a decisão não competisse, em última instância, a ele.

Várias passagens atestam o quanto RR sofria com a recorrência de ressentimento, mas o caso primordial citado por ele foi um carnaval em Búzios. Como os amigos não tinham

dinheiro e RR queria companhia, pagou as despesas. Após beber num dia e substituir o álcool por tranquilizantes em outro, sentiu ressentimento. “O fato de ter que pagar para ter companhia [...] Eu ficava pensando: *ninguém faz nada por mim e eu sempre acabo fazendo tudo pelos outros [...] no final, me senti tão sozinho qto. [sic] antes*” (p. 60, grifo nosso). Novamente emblemática a fala de RR de que na clínica se sente “seguro porque percebo um verdadeiro sentido e sentimento de amizade entre todos (o que sempre procurei em minha vida)” (p. 31).

d) Banda

Longe de propiciar apenas prazer, a gestão da carreira de artista numa banda é marcada pela experimentação de sensações conflitivas e desprazerosas. RR cita detalhes da relação entre os membros das bandas e com a gravadora como causa de grande sofrimento. Refere-se à briga com Fê Lemos, companheiro da banda Aborto Elétrico, como uma das experiências em que se sentiu mais desprezado. Por RR ter bebido muito antes do show, Lemos, irritado, dirigiu-se rispidamente, simbólica e fisicamente, a RR, inclusive no meio do show, o que motivou a saída de RR da banda. “Com o tempo veria que estava sendo assertivo com minha decisão, embora *sentisse um desprezo muito grande em relação à minha pessoa, a tudo que representava e fizera pelo grupo, como se eu e meu trabalho não valêssemos a pena*” (p. 58, grifos nossos).

Em 1991, a banda enfrentava dificuldades para gravar um novo disco que alcançasse o sucesso de vendas de *As Quatro Estações*. O clima era tenso, e havia problemas com a gravadora e a imprensa. Desabafa: “Foi o ‘parto’ mais difícil” (p.126). Outro exemplo é o episódio do polêmico disco V, lançado em 1991 (p.126), contra sua vontade, o que gerou em RR sentimentos de culpa, frustração, ressentimento e remorso. Culpa os outros membros e o produtor da banda pela decisão de lançar o álbum, assumindo uma posição de vítima. Contudo, tal ressentimento se transforma em culpa, pois acredita que poderia ter revertido a situação se tivesse sido mais assertivo, afirmando ter sempre cedido aos “caprichos” do baterista Marcelo Bonfá, que, neste caso, assume o papel de agressor.

3.4 Testemunho de superação

No prefácio, o filho Manfredini é enfático: o testemunho de RR demonstra “a capacidade de superação” do pai e “servirá de inspiração para os que buscam forças para vencer crises pessoais das mais diversas origens e sair fortalecidos desse processo” (p.6). O

testemunho não teria, assim, efeito apenas naquele que narra, mas também no público: pode fortalecer o gerenciamento de crises, contribuindo para a superação individual, pode contribuir para evitar que outros passem por situações semelhantes (VAZ, 2014) ou ainda que falem sobre seu sofrimento (VAZ; SANTOS; ANDRADE, 2014). O caráter compassivo aparece, segundo o filho, também na decisão da internação, pois visava evitar que a dependência atingisse amigos e parentes.

A decisão de ir para a clínica mostra o reconhecimento da doença, partindo para o desafio do controle do vício.

[...] se não procurasse ajuda especializada, sabia que não conseguiria sozinho, pois, dessa vez, depois de dois anos de abstinência aproximadamente, tinha entrado fundo na bebida e estava bebendo para morrer (p. 69)

Estou tranquilo – mas, sinceramente, este desafio é maior do q. eu imaginava. Parar é fácil – o difícil é continuar sem drogas, sem álcool. Mais difícil ainda (para mim) é resgatar o prazer de viver. Espero chegar lá (p. 78).

O período na clínica ajuda a melhorar o quadro físico e psicológico de RR. No livro, ele relata o árduo percurso do tratamento, os métodos utilizados para se abster das drogas e os resultados, expondo os avanços graduais, os altos e baixos, o processo de aceitação e confiança no programa, a qualidade das atividades sugeridas e a importância do apoio dos colegas e da equipe.

Em diversos momentos, menciona melhorias substanciais no quadro psicológico, ressaltando a novidade de estar sereno e tranquilo, a ponto de não se ver sentindo raiva, a satisfação consigo, o reconhecimento (e entendimento) de todos os sentimentos intensificados pela doença (agressividade, baixa autoestima, autopiedade, culpa, pessimismo), o resgate da paciência e da autoestima, bem como o controle da agressividade. Conta que já consegue se desligar de sentimentos negativos e, ao assistir o Jornal Nacional, já se vê “dando risadas – não me toca a tragédia, e sim o absurdo” (p. 79). Ademais, evidencia que uma das coisas mais importantes “tem sido compartilhar (e descobrir outros como eu)” (p. 79), reforçando o potencial terapêutico do testemunho para quem narra e quem escuta, compondo uma comunidade de sofredores.

Quando sentia evoluções no tratamento, ligada essencialmente à abstinência, abria-se para a espiritualidade e a ideia de um poder superior, ao passo em que marcava a diferença entre o apego a uma crença ou religião específica.

[...] a cada dia de abstinência meu coração está se abrindo e estou começando a perceber que a razão não é tudo, e que existe uma força maior do que o ser humano tem capacidade para compreender [...] O poder superior para mim é o tempo, a vida, o amor, a amizade, o sopro de esperança presente até nos momentos mais difíceis, o mistério que me cerca, uma emoção inexplicável que faz o tempo parar, me faz sentir muito bem e me traz um sorriso aos lábios, minha vontade de crescer e trazer luz para os meus e os outros (p. 84).

O autoconhecimento decorrente do tratamento foi fundamental para melhoria do seu quadro físico e psicológico. O olhar para si possibilitou o reconhecimento de diversas causas que desencadeavam suas crises (cujo embate se dava via isolamento e uso de drogas): “Entendi que a causa principal de quase todos os meus pontos fracos é minha insistência em ver satisfeita MINHA [sic] vontade, em vez de aceitar a vida, o mundo, as pessoas como são e buscar harmonia através dessa aceitação” (p. 89).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos testemunhos de Renato Russo em *Só por hoje para sempre – diário de um recomeço* revela elementos dos processos de subjetivação do autor e das reflexões sobre seus modos de ser, com marcas de diálogos e distanciamentos entre o olhar de Russo sobre si e o olhar do outro (cultura, família, indústria fonográfica, mídia, fãs, etc) sobre ele. A complexidade e riqueza do material são ressaltadas pelo fato de o relato de si ser resultado das diretrizes do tratamento para dependência química, mas, ao mesmo tempo, haver a intenção do autor pela publicização do material. Os dois processos revelam, assim, instigantes marcas subjetivas.

Ao aludir ao sofrimento por reiteradas vezes, RR demarca sua condição de paciente num processo terapêutico, reconhecendo e assumindo sua condição de dependente químico e, em decorrência, toda sorte de responsabilização pela culpa sentida em virtude dos atos praticados contra terceiros. Não obstante, RR manifesta sentimentos de ressentimento e de autopiedade, reafirmando a impressão que tem de si como alguém que, na condição de artista, amante, amigo etc, se sentiu incompreendido, mal-interpretado, injustiçado e traído. Com isso, alternam-se constantemente as figuras do agressor e da vítima, oriundos das percepções ambíguas que o autor tece acerca das relações com outras pessoas: ora percebe o sofrimento como uma condição interna, fruto de suas escolhas e de sentimentos que lhe fogem ao controle, ora atribui seus problemas à incompreensão que lhe é destinada pelos que o cercam.

O sentimento de inadequação social é uma marca subjetiva que traduz sua incapacidade de lidar com emoções tão ambíguas e conflitivas: Renato Russo não consegue se adaptar aos padrões sociais, culturais, políticos e comportamentais que lhe são impostos.

Ao narrar detalhes de sua vida e escancarar sua intimidade, Renato Russo clama por ter reconhecidos seus traumas, dramas e sofrimentos. No bojo desse processo, contudo, há uma atitude política, na medida em que o autor denuncia os meandros da vida de uma pessoa comum que passa a ser celebrizada pela mídia e que perde, em parte, a autonomia da sua própria vida. Ele não apenas convida o leitor para, em retrospecto, refletir sobre a vida pública do artista polêmico e sobre temáticas que transcendem o espaço privado dessas experiências, mas procura apresentar-se aos olhos desse leitor como um homem comum, cujo mito que carrega sob os ombros pesa tanto quanto o preço e as cobranças que advém da fama e do sucesso. Ademais, os relatos podem conduzir o leitor a pensar sobre seus modos de ser, seus desejos, suas crises pessoais, bem como as exigências/limitações culturais.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Linda. **Autobiography**. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- CARVALHO, Carlos. **Renato Russo: o filho da revolução**. São Paulo: Planeta, 2016.
- FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **The empire of trauma: an inquiry into the condition of victimhood**. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- FONSECA, Virgínia; VIEIRA, Karine. A biografia como acontecimento jornalístico. **Líbero**, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 99-108, dez. 2011.
- FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. In Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.
- FROSH, Paul; PINCHEVSKI, Amit. **Media witnessing: Testimony in the age of mass communication**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2009.
- LERNER, Kátia. **Memórias da dor: coleções e narrativas sobre o Holocausto**. Brasília: MinC/IBRAM, 2013.
- LERNER, Kátia; VAZ, Paulo. “Minha história de superação”: sofrimento, testemunho e práticas terapêuticas em narrativas de câncer. **Interface**, Botucatu, v.2, n.60, p. 153-163, jan./mar. 2017.



- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- NOVICK, Peter. **The Holocaust in American life**. Boston, New York: First Mariner Books, 2000.
- PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Contracampo**, Niterói, n. 17, p. 43-58, 2007.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RADSTONE, Susannah. Cultures of confession/cultures of testimony: turning the subject inside out. In: GILL, Jo (org.). **Modern Confessional Writing**. Oxon: Routledge, 2006.
- SACRAMENTO, Igor. A era da testemunha: uma história do presente. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 7, n.1, jan./jun.2018.
- SOUSA, Ruan. Mercado editorial brasileiro encolheu 25% entre 2006 e 2018. **O Globo**. Rio de Janeiro. 28 mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/mercado-editorial-brasileiro-encolheu-25-entre-2006-2018-23699428>. Acesso em: 14 set. 2020.
- VAZ, Paulo. Na distância do preconceituoso: narrativas de *bullying* por celebridades e a subjetividade contemporânea. **Galaxia**, São Paulo, n. 28, p. 32-44, dez. 2014.
- VAZ, Paulo; SANTOS, Amanda; ANDRADE, Pedro Henrique. Testemunho e subjetividade contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência. **Lumina**, Juiz de Fora, v.8, n.2, p. 1-33, dez. 2014.
- WIEVIORKA, Annette. **L'ère du témoin**. Paris: HachetteLittératures, 1998.



Original recebido em: 10 de fevereiro de 2021
Aceito para publicação em: 17 de setembro de 2022

Camila Calado Lima

Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí e Publicidade e Propaganda pelo Centro de Ensino Unificado de Teresina (CEUT). Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Gustavo Fortes Said

Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Thiago Meneses Alves

Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Sociologia pela Universidade do Porto.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

